

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



PERCURSOS ENTRE BRASIL E SUÉCIA: UMA ABORDAGEM SOBRE HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO¹

Routes between Brazil and Sweden: an approach on homosexuality and religion

Tatiani Müller Kohls

Resumo

Visando uma discussão que nos aproxime da temática da homossexualidade e da religião, esse artigo parte de uma experiência etnográfica na Igreja da Suécia e na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, no qual busca refletir sobre a construção e contextualização do conhecimento a partir de nossas próprias experiências e como a questão da homossexualidade é compreendida nesses dois contextos. O texto se baseia em pressupostos das teorias feministas, sustentando uma visão crítica e política da construção do conhecimento.

Palavras-chave: Homossexualidade. Religião. Etnografia.

Abstract

Aiming at a discussion that brings us closer to the theme of homosexuality and religion, this article part of with an ethnographic experience in the context of the Church of Sweden and the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil, in which it seeks to reflect on the construction and contextualization of knowledge from of my own experiences and how the question of homosexuality is understood in these two contexts. The text is based on assumptions of feminist theories, sustaining a critical and political view of the construction of knowledge.

Keywords: Homosexuality. Religion. Ethnography.

¹ Este trabalho compõe minha dissertação de mestrado em Antropologia, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), intitulada: Uma perspectiva etnográfica da discussão sobre a homossexualidade no contexto da IECLB, defendida em 2016, com orientação da Professora Doutora Lori Altmann.

Considerações Iniciais

A palavra suja

Ensinarão-me que tal palavra era suja. Imunda.

“Pecadora” gritavam alguns.

Outros diziam: “é doença, precisa ser curada”.

Senti o peso que tal palavra carrega.

Senti a dor e o desprezo.

A palavra não dita. A palavra maldita.

Quem se atreveria a pronunciar?

“Aqui não existe isso” diziam. Queriam esconder.

“Não é natural, é contra a lei”, mas quê lei?

Tentaram me calar, mas meu grito veio em forma de

sussurro, de poesia - e “eles” não ouviram.

O meu pecado para alguns? Amar... e só!²

Começo a escrita desse artigo com esse fragmento poético. A palavra suja, a palavra maldita. É em torno dessa palavra que visio uma reflexão no contexto religioso luterano. O que se têm discutido e pensado sobre a homossexualidade? O que o silenciamento desse debate tem provocado em pessoas que vivenciam outras formas de afetividades e sexualidades no âmbito religioso?

Nessa perspectiva, contextualizo meu interesse nessa temática a partir das minhas próprias experiências, buscando mostrar como a discussão sobre homossexualidade e o ativismo feminista tem atravessado minha própria história de vida. Desse modo, me baseio em pressupostos das teorias feministas e em autoras como *bell hooks*³, Donna Haraway⁴ e Judith Butler⁵, sustentando uma visão crítica e política da construção do conhecimento. Para refletir sobre como a religião através de seus preceitos impõem normas e regras sobre o

² Fragmento poético de minha autoria, utilizado em minha dissertação de mestrado: KOHLS, Tatiani Müller. *Uma perspectiva etnográfica da discussão sobre a homossexualidade no contexto da IECLB*. [Dissertação de Mestrado]. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

³ HOOKS, bell. *Mujeres Negras: Dar forma a la teoría feminista*. In: *Otras inapropiables*. Madrid: Editorial Traficantes de Sueños, 2004.

⁴ HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. *Cadernos Pagu* (5), Campinas, Unicamp, 1995.

⁵ BUTLER, Judith. *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”*. *Cadernos Pagu* (11), Campinas, Unicamp, 1998.

corpo, modelando e regulando a sexualidade, me baseio em autores/as como Peter Fry e Edward Macrae⁶, Luiz Mello⁷, André Musskopf⁸ e Wanda Deifelt⁹.

Nessa perspectiva, apresento uma experiência etnográfica em dois contextos religiosos: a Igreja da Suécia e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), no qual visio refletir sobre como a questão da homossexualidade é compreendida por essas comunidades religiosas. A relevância desse texto parte da questão de refletir sobre o tema da homossexualidade e da religião e a atenção que tem se dado a essa discussão, pois como nos exemplos que serão relatos a seguir, os discursos teológicos podem ser utilizados tanto para apoiar como para condenar a homossexualidade.

Percursos entre Brasil e Suécia

A vivência e a experiência com outros modos de vidas fazem parte do fazer antropológico, e assim, diante do processo de “estranhamento”¹⁰, tomo o tema da homossexualidade e da religião como processo de reflexão e pesquisa. Diante do “[...] contato sensível com o mundo a ser compreendido”¹¹ e imersa em relações subjetivas e sensíveis, percebo a importância da experiência no fazer antropológico, e como através dessas vivências o texto etnográfico se constrói.

Contextualizo meu interesse nesse tema a partir das minhas próprias experiências, relatando fatos e eventos ocorridos que se farão importantes para essa reflexão, e assim me baseio em *hooks*¹², pois é a partir da vivência em um grupo oprimido, explorado e ainda diante da discriminação sexista que a autora molda sua consciência feminista. É também através das minhas experiências que essa consciência e ativismo se formam, mostrando que a luta feminista está também atravessada em minha própria história de vida. Butler¹³

⁶ FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1995.

⁷ MELLO, Luiz. Outras famílias: A construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, Unicamp, vol. 24, p. 197-225, 2005.

⁸ MUSSKOPF, André S. *Talar Rosa - Um estudo didático-histórico-sistemático sobre a Ordenação ao Ministério Eclesiástico e o exercício do Ministério Ordenado por Homossexuais*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, 2004.

⁹ DEIFELT, Wanda. Os tortuosos caminhos de Deus: Igreja e homossexualidade. *Estudos Teológicos*, v. 39, n. 1, p. 36-48, 1999.

¹⁰ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Sobre o pensamento antropológico*. 3 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

¹¹ CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p. 36.

¹² HOOKS, 2004.

¹³ BUTLER, 1998.

também nos fala sobre a constituição dessa consciência feminista, através do conceito de sujeito feminista, que se molda por meio das exclusões entre as relações de poder, as práticas e os discursos. Desse modo, Butler problematiza e salienta uma visão crítica dentro da teoria feminista a partir do “eu” e das significações que nos constituem enquanto sujeitos. Donna Haraway¹⁴ também traz contribuições acerca do feminismo e do ativismo dentro do saber científico. Ela aponta para a visão crítica da produção do conhecimento. Essa discussão, sobre a relevância de se relatar as experiências de vidas tem sido bem acolhida dentro do ponto de vista teórico feminista.

Desse modo, é a partir da experiência de vida, sustentada através das teorias feministas, e do processo etnográfico, que irei apresentar duas situações para a reflexão sobre a homossexualidade e a religião, uma vivenciada na Igreja da Suécia, e outra vivenciada em uma comunidade da IECLB.

A primeira experiência parte da minha participação no programa de intercâmbio *International Youth Exchange Programme – Young In The World Wide Church*¹⁵, em 2012, promovido pela Igreja da Suécia. O programa acontece desde 2008, em parceria com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Luterana da Costa Rica, Igreja Independente das Filipinas e Igreja Luterana da Tanzânia. Durante o período de março a maio de 2012, se desenvolveu a integração desses jovens com a sociedade e a Igreja da Suécia, possibilitando uma experiência de troca cultural e religiosa¹⁶.

A Igreja da Suécia – *Svenska Kyrkan* – é uma Igreja Luterana, que aderiu à reforma protestante em 1527, sendo ela a religião oficial do país, vinculada ao Estado até o ano de 2000. Como a Igreja pertencia ao Estado, ela deveria chamar-se Igreja da Suécia. Hoje, mesmo o país não possuindo uma religião oficial, a Igreja Luterana mantém esse nome – Igreja da Suécia – por tradição, sendo que cerca de 86% da população pertence a esta instituição religiosa¹⁷.

Diante dessa experiência, me deparei com temas e situações que me despertaram a curiosidade e o interesse, não só para o registro em diários, mas também para a pesquisa

¹⁴ HARAWAY, 1995.

¹⁵ Programa de Intercâmbio Internacional de Jovens – Jovens na Igreja Mundial.

¹⁶ Eram 4 jovens representando o Brasil, 4 jovens das Filipinas, 4 jovens da Tanzânia e 2 jovens da Costa Rica.

¹⁷ KOHLS, Tatiani Müller. Diário de viagem, 2012. Para mais informações acesso o site oficial da Igreja, disponível em: <<https://www.svenskakyrkan.se>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

acadêmica¹⁸. Buscando privilegiar a narrativa do novo, a partir de um interesse pessoal e transformada pela experiência vivida¹⁹, foco-me em observar como era desenvolvida a questão de gênero e homossexualidade na Igreja da Suécia. Algumas informações me despertaram o interesse, como em saber que a Suécia é considerada um dos países mais igualitários do mundo e se tornou um dos primeiros países a aprovar a união civil homoafetiva em 1994, e o casamento religioso homoafetivo em 2009, sendo a Igreja da Suécia uma das primeiras igrejas do mundo a permitir o casamento entre pessoas do mesmo sexo²⁰. Saliento ainda que a ordenação²¹ de pastoras/es homossexuais também foi aprovada pela Igreja da Suécia em 2009.

A partir dessas questões busquei compreender um pouco sobre como se desenvolveu o processo do casamento homoafetivo na Igreja da Suécia, e em janeiro e fevereiro de 2013, realizei algumas entrevistas, via redes sociais, para o trabalho de conclusão da disciplina de Estudos Antropológicos de Gênero e Teoria Feminista, ofertada pelo curso de graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas – UFPel²². Buscando preservar a identidade das/dos minhas/meus interlocutoras/res, utilizarei nomes fictícios ao apresentar suas falas²³.

Uma pastora, da qual irei me referir pelo nome de Astrid, me diz que a Igreja da Suécia vem discutindo a questão da homossexualidade desde a década de 70, por isso ela não considera que a aceitação do casamento homoafetivo tenha sido precipitada:

Em 2009 a Igreja da Suécia tomou a decisão que ambos os casais, de sexos diferentes e do mesmo sexo poderiam se casar na Igreja. Essa decisão foi tomada depois de uma longa discussão e de muitas pesquisas feitas [...] Havia definitivamente muitos argumentos e alguns conflitos dentro da Igreja antes da decisão. Houve até pessoas que abandonaram a Igreja por causa dessa decisão. Mas para a Igreja da Suécia, a decisão de permitir que casais do mesmo sexo se casassem era muito importante. Nós acreditamos que todo bom e verdadeiro amor, em última análise vem de Deus, e que esse amor existe em casais tanto de

¹⁸ KOHLS, Tatiani Müller; RODOLPHO, Adriane Luisa. “Eu não acredito que as coisas que aumentem a quantidade de amor no mundo sejam ruins”: O casamento homoafetivo na Igreja Sueca. *XVI ENPOS - Encontro de Pós-Graduação*, Pelotas, 2014.

¹⁹ LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da Viagem*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

²⁰ KOHLS, 2012. Para mais informações acesse o site da Igreja da Suécia, disponível em: <<https://www.svenskakyrkan.se/samkonade-aktenskap>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

²¹ A palavra ordenação, segundo Musskopf, se refere ao rito que demarca a passagem do indivíduo para outra esfera, nesse caso diz respeito ao/a teólogo/a, que, sendo ordenado/a, pode atuar como pastor/a na Igreja. MUSSKOPF, 2004, p. 15.

²² Naquele ano a disciplina foi ministrada pela professora Doutora Lori Altmann.

²³ FONSECA, Claudia. O anonimato no texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia feita em casa. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, vol. 2, no. 1-2, p. 205-227, 2008.

sexos diferentes como do mesmo sexo - é o mesmo tipo de amor [...] Portanto, o sexo/gênero do casal é irrelevante²⁴.

Em agosto de 2015, entrevistei a pastora Naomi, e ao perguntar sobre como foi esse processo da aceitação do casamento homoafetivo na Igreja da Suécia, ela diz que foi bem longo com mais de 10 anos de discussões na igreja, abordando temas teológicos relacionados ao matrimônio e com palestras públicas com diferentes posições das/dos teólogas/os, algumas/ns a favor, outras/os contra, mas, ela diz que a temática da homossexualidade não foi um problema para a igreja:

Quando você casa na igreja você também casa no civil, é a mesma coisa. Então, quando o governo decidiu que era a mesma coisa o casamento homossexual ou heterossexual, então a igreja teve que tomar uma decisão. O que vamos fazer? Porque ou a gente perde o direito do casamento porque não aceitamos o casamento homossexual, ou aceitamos o casamento homossexual. Esse foi também o último processo, porque já tínhamos mais de 10 anos a trabalhar o tema da homossexualidade dentro da igreja. E a verdade que a grande maioria da igreja aceita, não acha isso um problema. Nós temos uma bispa que é homossexual, em Estocolmo, casada com uma mulher. Elas têm uma criança e isso não é problema para as pessoas. As pessoas podem gostar dela ou não gostar, mas não tem a ver com a sua orientação sexual [...] Até ela é bem radical em defender os direitos imigrantes, então os grupos mais conservadores da Suécia, que não gostam dos imigrantes, eles criticam muito ela, mas nem eles criticam ela por ser homossexual, criticam ela pela posição política de aceitar os imigrantes²⁵.

De acordo com a pastora, um dos maiores problemas em relação à aceitação da união homoafetiva na Igreja da Suécia foi com relação às igrejas parceiras de outros países. Essas “igrejas irmãs”, como ela se refere, principalmente as igrejas do continente africano, quase romperam relação com a Igreja da Suécia, pois elas acreditavam que não podiam ser irmãs de uma igreja tão “radical”²⁶.

O fato de querer discutir tais assuntos, não só em relação à homossexualidade, mas também sobre igualdade de gênero, diversidade e preconceito no campo religioso já me rondava há algum tempo. A experiência de viagem só fez reforçar meu interesse em tais assuntos. Assim, volto meu olhar para a minha própria cultura²⁷, buscando agora compreender como tem sido abordado esse tema dentro da IECLB. Para isso parto de uma experiência vivenciada na comunidade da qual eu atuava como liderança jovem.

²⁴ Pastora Astrid, 2013.

²⁵ Pastora Naomi, 2015.

²⁶ KOHLS, Tatiani Müller. *Diário de campo*, 2015-2016.

²⁷ OLIVEIRA, 2003.

Em 2010, na Semana Acadêmica do Curso das Ciências Sociais da UFPel, uma das mesas de debate era sobre homossexualidade, contando com a presença de um teólogo, André Musskopf, professor da Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo, que apresentou em sua fala questões sobre a homossexualidade e religião no contexto da IECLB, o que me sensibilizou a querer discutir esses assuntos no grupo de jovens em que atuava. Ao conversar com o pastor da comunidade da qual eu fazia parte, para saber o que ele achava de discutirmos as temáticas de preconceito e homofobia, e pensando que teria total apoio, ele me disse que eu não poderia falar sobre homossexualidade na igreja. Disse que quem tinha “isso” era doente e necessitava ser curado e que ao falar “disso” para a comunidade, principalmente para as/os jovens, eu poderia incentivá-los a essa “prática”.

Esse discurso religioso e de fundo médico sobre uma “cura gay” tem correlação com o determinismo biológico. A sexualidade não é determinada pela biologia e aqui precisamos deixar clara a distinção entre sexo e gênero, que de acordo com Linda Nicholson²⁸ “o ‘gênero’ foi desenvolvido e é sempre usado em oposição a ‘sexo’, para descrever o que é socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado”²⁹. Joan Scott³⁰ também apresenta o termo gênero como uma “rejeição do determinismo biológico” estando relacionado com a “organização social da relação entre os sexos” e as “construções culturais [...] sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”³¹. Para a autora, gênero é “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”³². Diante desses aspectos, surgem as reflexões sobre o conceito de gênero, que segundo Nicholson, “[...] tem suas raízes na junção de duas ideias do pensamento ocidental moderno: a base material da identidade e a construção social do caráter humano.”³³

O conceito de homossexualidade que utilizo para essa discussão se baseia no que Fry e Macrae propõem: que a homossexualidade deve ser compreendida dentro de termos sociais, políticos e culturais, não a partir de bases médicas e psicológicas³⁴. De acordo com os autores, a homossexualidade pode ter um entendimento diferente nos “[...] diversos

²⁸ NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 8, no. 2, p. 9-42, 2000.

²⁹ NICHOLSON, 2000, p. 09.

³⁰ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 20, no. 2. Porto Alegre, p. 71-99, 1995.

³¹ SCOTT, 1995, p. 75.

³² SCOTT, 1995, p. 75.

³³ NICHOLSON, 2000, p. 10.

³⁴ FRY; MACRAE, 1995, p. 07.

segmentos sociais da sociedade brasileira contemporânea”³⁵, variando também de sociedade para sociedade e ainda de época para época. Dentre esses diversos segmentos propostos por Fry e Macrae, muitas/os entendem a homossexualidade, partindo apenas do ponto de vista biológico, não levando em conta as bases sociais e políticas.

Assim, aqueles que acreditam que a sexualidade é determinada biologicamente, podem vir também a defender uma conversão, ou uma suposta “cura” da homossexualidade. Essa questão da “cura gay” tem sido muito debatida atualmente no Brasil, principalmente pelo Congresso Nacional, em função de um dos deputados da bancada evangélica ter proposto um projeto chamado de “cura gay”³⁶. Infelizmente muitas pessoas e grupos religiosos acreditam que a homossexualidade seja uma doença, colocando-a como uma prática anormal, procurando “corrigir” e “curar” esses corpos.

Em uma breve passagem por Michel Foucault³⁷, o autor nos fala sobre esse corpo marcado simbolicamente, condenado e exposto a uma “cura”: “Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”³⁸. Essas condutas deliberadas culturalmente sobre os corpos, impondo não somente técnicas de comportamentos, mas também impondo a forma de relacionamentos e afetividades, oprimem aquelas/es que se opõem a tais preceitos.

Esse posicionamento ou discurso que propõe a “cura” desses corpos “anormais”, além de tratar a homossexualidade como uma doença, como algo pecaminoso e imoral, acredita que uma conversão à heterossexualidade seja possível e que a felicidade só se daria por esse meio, como afirma Mello³⁹. Ao pensar no posicionamento da Igreja Católica em relação à homossexualidade, Mello nos mostra que ela “[...] nega que a liberdade de

³⁵ FRY; MACRAE, 1995, p. 07.

³⁶ É possível encontrar diversas matérias sobre o projeto de cura gay, de autoria do deputado João Campos (PSDB-GO), que visa a permissão para que profissionais da área da psicologia possam utilizar tratamentos para a reversão da homossexualidade. Colocado em discussão em 2013, pela Comissão de Direitos Humanos, presidida por Marcos Feliciano (PSC), podemos encontrar na mídia online notícias como: “Comissão de Direitos Humanos aprova autorização para 'cura gay'”. COSTA, Fabiano. *Comissão de Direitos Humanos aprova autorização para 'cura gay'*. G1, 19 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/comissao-de-direitos-humanos-aprova-autorizacao-para-cura-gay.html>>. Acesso em: 20 out. 2015. CALGARO, Fernanda. *Feliciano chama homossexualidade de 'modismo' ao falar com 'ex-gays'*. G1, 24 jun. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/06/feliciano-chama-homossexualidade-de-modismo-ao-falar-com-ex-gays.html>>. Acesso em: 20 out. 2015. Essas matérias nos trazem a ideia do que seria esse projeto de “cura gay” e a crença de que uma reversão sexual seria possível.

³⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões*. 27 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

³⁸ FOUCAULT, 1999, p. 118.

³⁹ MELLO, 2005, p. 218.

orientação sexual seja um direito humano, advogando a tese de que os homossexuais devem manter-se celibatários ou ingressar, se possível for, no universo da conjugalidade heterossexual”⁴⁰. O autor ainda salienta que “[...] na doutrina católica, portanto, os homossexuais que não negam sua orientação sexual são definidos como seres humanos de segunda ordem, o que significa dizer subumanos.”⁴¹ Desse modo, percebemos a violência que uma instituição religiosa pode causar às pessoas que não estão dentro de suas normas, submetendo-as a um modelo de vida – heterossexual – e fazendo com que muitas vezes se sintam como criminosas/os, ou realmente como subumanas/os, por não estarem dentro do “padrão” estabelecido.

Sobre esse corpo marcado, tanto pela discriminação social, como também por princípios religiosos, Musskopf⁴² nos deixa claro o quanto essa “marca” sobre o corpo homossexual na atualidade, pode gerar a exclusão desse grupo:

O medo de ser identificado com essa marca gera silêncio e invisibilidade que impedem pessoas homossexuais de assumir a sua identidade e viver integralmente como cidadãos nas diferentes esferas da vida humana, inclusive no âmbito de suas comunidades religiosas⁴³.

Desse modo, notamos o quanto as instituições sociais acabam por impor regras e modelar nossos corpos por aquilo que entendem como mulheres ou homens, e discriminar aquelas/es que não se encaixam no padrão heteronormativo.

Ao voltar meu olhar para mim mesma, enquanto uma pessoa pertencente a um grupo religioso e a uma comunidade na qual seu pastor pensa e instrui as pessoas para que não falem sobre homossexualidade e que acredita em uma suposta “cura gay”, minha reação foi ficar calada. Não porque concordasse com aquela posição, mas porque até então eu não possuía elementos palpáveis que pudessem me fazer entrar em uma discussão tão profunda e ainda cheia de tabus no campo religioso. Pelo menos, dentro da minha experiência de vida em uma comunidade religiosa, sempre tive a sensação de que aquilo que é exposto pela/o pastora/or é quase que uma “lei”, tendo-se a figura desse sujeito como o “possuidor” da verdade, sem poder contestar a palavra dita. Talvez essa ideia de não poder contestar, tendo diante de mim uma figura masculina (nesse caso), representando o saber

⁴⁰ MELLO, 2005, p. 218.

⁴¹ MELLO, 2005, p. 218.

⁴² MUSSKOPF, 2004, p. 10.

⁴³ MUSSKOPF, 2004, p. 10.

divino, e eu, uma mulher, adolescente na época, me fez ficar calada, pois simbolicamente essas representações estão tão intrínsecas em nós, que diante de uma situação contrária ao que pensamos e ao que defendemos, não conseguimos nem ao menos revidar.

Não falar sobre a homossexualidade no contexto religioso é, nas palavras de Deifelt, “[...] ignorar que há homens gays e mulheres lésbicas dentro do espaço das igrejas, assim como há na sociedade. É a típica postura do ‘não se ouve, não se vê e não se fala’”⁴⁴. Tal postura pode contribuir não somente com o afastamento daquelas/es que vivenciam outras formas de afetividades, como também impedir que homossexuais assumam sua real identidade.

Nessa perspectiva, exponho os posicionamentos oficiais da IECLB sobre a questão da homossexualidade, a partir de três documentos oficiais do Conselho da Igreja, que podem ser acessados no Portal Luteranos, site oficial da IECLB⁴⁵.

O primeiro documento que utilizo é uma Carta de 1999⁴⁶, que reconhece que gays e lésbicas são excluídos culturalmente e também religiosamente, e ainda, salienta a dificuldade da comunidade cristã em lidar com pessoas de “orientação homossexual”. O documento ainda afirma que “[...] entre os que debatem o assunto, não há nenhuma dúvida de que Deus ama as pessoas que se sentem atraídas sexualmente para o mesmo sexo tanto quanto as outras atraídas para o sexo oposto”⁴⁷. Este documento aponta ainda para dois posicionamentos sobre a homossexualidade: “Um grupo vê a homossexualidade como uma orientação que deve ser corrigida [...]”⁴⁸, sustentando essas posições principalmente através da passagem sobre a criação do mundo, na qual Deus teria criado a mulher para o homem e o homem para a mulher. O outro posicionamento defende a homossexualidade como imutável, não passível de “correção”, tomando como base também passagens bíblicas.

O segundo documento, de 2001, fala sobre a posição do Conselho da Igreja frente ao Ministério Eclesiástico e a homossexualidade⁴⁹. O documento afirma, como nos anteriores, o amor de Deus por todas as pessoas e que a sexualidade também faz parte da

⁴⁴ DEIFELT, 1999, p. 44.

⁴⁵ IECLB. *Portal Luteranos*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

⁴⁶ KIRCHHEIM, Huberto. Homossexualidade – 1999. *Portal Luteranos*, 19 mai. 1999. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/homossexualidade-1999>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

⁴⁷ IECLB. *Portal Luteranos*.

⁴⁸ IECLB. *Portal Luteranos*.

⁴⁹ IECLB. Ministério Eclesiástico e Homossexualidade – 2001. *Portal Luteranos*, 11 ago. 2001. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/ministerio-eclesiastico-e-homossexualidade-2001>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

criação divina. Ao se referir à homossexualidade, o documento diz que: “[...] há na atualidade em muitas igrejas cristãs um intenso debate quanto à sua natureza e quanto à correta interpretação bíblica a seu respeito”⁵⁰. Aponta ainda que na ciência e nas passagens bíblicas não há uma certeza sobre sua natureza, e assim, a IECLB também não possui ainda um consenso, pois há posicionamentos antagônicos no que se refere à homossexualidade.

De acordo com Musskopf, este documento teria como objetivo:

[...] apresentar à IECLB um posicionamento oficial que possa orientar e definir o tratamento de pessoas homossexuais que objetivam assumir o Ministério Ordenado nesta Igreja. Ele inicia fazendo considerações gerais sobre sexualidade humana afirmando, como na Carta Pastoral, que ‘nenhuma pessoa é salva por causa do seu comportamento sexual’ e que ‘a fé em Jesus Cristo [...] nos leva a viver a nossa sexualidade em respeito ao matrimônio e ao próximo’⁵¹.

O documento salienta ainda que na prática deve-se ter uma “[...] sensibilidade pastoral, tanto para com as pessoas homossexuais quanto para com as famílias e as comunidades em cujo meio essas pessoas vivem”⁵². Ao tratar sobre o Ministério Eclesiástico Ordenado, menciona o cuidado com o comportamento sexual, “[...] para que as suas atitudes nesta área não se tornem escândalo e empecilho para os membros da Igreja”⁵³ ressaltando que “isso” vale igualmente para pessoas heterossexuais. No último item do documento podemos ler que:

Não negamos que pessoas homossexuais, que vivem a sua condição sem causar escândalo, podem realizar um trabalho abençoado na comunidade, ao colocarem a serviço do Evangelho os dons que Deus lhes deu. Mas constatamos também que, no momento atual da Igreja, não há condições de uma pessoa homossexual praticante assumir o exercício público do ministério eclesial na IECLB⁵⁴.

Em 2011, a presidência da IECLB divulgou uma carta pastoral sobre a sexualidade humana e a homossexualidade⁵⁵. O documento começa expondo a motivação de sua escrita, que se dá devido à decisão do Supremo Tribunal Federal em reconhecer as uniões estáveis homoafetivas, reconhecendo-as como entidades familiares. O segundo fato para esta carta

⁵⁰ IECLB, 2001.

⁵¹ MUSSKOPF, 2004, p. 105.

⁵² KIRCHHEIM, 1999.

⁵³ KIRCHHEIM, 1999.

⁵⁴ KIRCHHEIM, 1999.

⁵⁵ FRIEDRICH, Nestor Paulo. Sexualidade humana – homoafetividade – 2011. *Portal Luteranos*, 24 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/sexualidade-humana-homoafetividade-2011>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

ser escrita, seria o Projeto de Lei nº 122/2006⁵⁶, que pretende criminalizar a homofobia. A carta ainda afirma que a homossexualidade já foi abordada em duas cartas da presidência da IECLB, uma em 1999 e a outra em 2001, ambas citadas acima.

Este novo documento reconhece a dificuldade em lidar com o tema da homossexualidade e diz que a IECLB não conseguiu avançar nessa discussão, mas salienta, como nas cartas publicadas anteriormente, o amor de Deus por todas as pessoas. O documento aponta também para o fato de que a presidência não emitirá uma posição sem “consulta e diálogo prévios com outras instâncias constituídas”, mas que como IECLB, acolherá a decisão do STF. Isto porque, segundo a carta, a luta do Estado é pela “[...] superação da discriminação de pessoas e grupos, da intolerância, do preconceito, da estigmatização de comportamentos diferentes que, tantas vezes, culminam em violência, sofrimento, perseguição e, inclusive, morte”⁵⁷. Esta foi a última manifestação pública por parte da presidência da IECLB sobre a questão da homossexualidade no contexto religioso.

A partir da exposição desses documentos podemos perceber de que forma a IECLB tem se colocado frente às discussões sobre a homossexualidade.

Considerações Finais

Como considerações finais, aponto primeiramente para a importância do diálogo estabelecido entre as teorias feministas e a Antropologia, que se fizeram importantes nessa reflexão, visando a sustentação dos relatos da minha própria experiência de vida através de pressupostos das teorias feministas, que buscam uma visão crítica e política do conhecimento, possibilitando assim, um novo olhar e uma nova forma de escrever sobre as sociedades dentro do campo antropológico. Ressalto ainda, que vivemos em uma sociedade regida por preceitos heterossexuais, no qual a religião também atua como um agente que normatiza e regula as relações sexuais e afetivas. Assim, as representações e simbologias presentes nesse contexto, se sustentam através de um discurso tido como sagrado.

Ao abordar esses caminhos percorridos entre o Brasil e Suécia, visando refletir de forma breve sobre a questão da homossexualidade nesses dois contextos, aponto que o discurso teológico pode ser utilizado tanto para sustentar e apoiar a questão da

⁵⁶ BERNARDI, Iara. *Projeto de Lei da Câmara nº 122, de 2006. - (Criminaliza a Homofobia)*. Disponível em: <<http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/79604>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

⁵⁷ FRIEDRICH, 2011.

homossexualidade e casamento homoafetivo, como podemos observar no exemplo da Igreja da Suécia, como também pode ser utilizado para o silenciamento desse debate nas comunidades de base e ainda para “corrigir” esses corpos que não se encaixam no padrão heteronormativo.

Compartilhar esses relatos e experiências se tornam importantes para que se aprofundem as discussões em torno da homossexualidade e da religião. Quando digo no fragmento poético usado no início desse texto que meu grito vem em forma de “sussurro, de poesia”, é porque foi, até agora, somente pela palavra escrita e no âmbito da pesquisa acadêmica que encontrei espaço para quebrar o silêncio. Pois quando ouvimos de alguém, principalmente alguma autoridade que não podemos falar sobre algo, isso nos marca e me perguntava o porquê não poderia? E me questionava do porque em outro contexto religioso, como na Suécia, a homossexualidade era aceita, embasada em discursos de amor.

O medo de ser identificado pela palavra dita “suja” e “maldita” pode afastar ou fazer com que pessoas que vivenciam outras formas de afetividades e sexualidade não assumam sua real identidade, como já exposto, contribuindo para o afastamento de pessoas que buscam viver e manifestar sua fé no âmbito religioso. Diante desse embate, aponto para a importância do debate amplo sobre a homossexualidade no contexto religioso, considerando necessária a reflexão sobre os discursos que se têm adotado e de que forma eles contribuem para a não manifestação e vivência em comunidade de pessoas LGBTQs.

Referências

BERNARDI, Iara. *Projeto de Lei da Câmara nº 122, de 2006. - (Criminaliza a Homofobia)*. Disponível em: <<http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/79604>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

BUTLER, Judith. *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”*. *Cadernos Pagu* (11), Campinas, Unicamp, 1998.

CALGARO, Fernanda. *Feliciano chama homossexualidade de 'modismo' ao falar com 'ex-gays'*. G1, 24 jun. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/06/feliciano-chama-homossexualidade-de-modismo-ao-falar-com-ex-gays.html>>. Acesso em: 20 out. 2015.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

COSTA, Fabiano. *Comissão de Direitos Humanos aprova autorização para 'cura gay'*. G1, 19 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/comissao-de-direitos-humanos-aprova-autorizacao-para-cura-gay.html>>. Acesso em: 20 out. 2015.

DEIFELT, Wanda. Os tortuosos caminhos de Deus: Igreja e homossexualidade. *Estudos Teológicos*, v. 39, n. 1, p. 36-48, 1999.

FONSECA, Claudia. O anonimato no texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia feita em casa. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, vol. 2, no. 1-2, p. 205-227, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões*. 27 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

FRIEDRICH, Nestor Paulo. Sexualidade humana – homoafetividade – 2011. *Portal Luteranos*, 24 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/sexualidade-humana-homoafetividade-2011>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1995.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), Campinas, Unicamp, 1995.

HOOKS, bell. Mujeres Negras: Dar forma a la teoría feminista. In: *Otras inapropiables*. Madrid: Editorial Traficantes de Sueños, 2004.

IECLB. *Portal Luteranos*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

_____. Ministério Eclesiástico e Homossexualidade – 2001. *Portal Luteranos*, 11 ago. 2001. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/ministerio-ecclesiastico-e-homossexualidade-2001>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

KIRCHHEIM, Huberto. Homossexualidade – 1999. *Portal Luteranos*, 19 mai. 1999. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/homossexualidade-1999>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

KOHL, Tatiani Müller. *Diário de viagem*, 2012.

_____. *Diário de campo*, 2015-2016.

_____; RODOLPHO, Adriane Luisa. “Eu não acredito que as coisas que aumentem a quantidade de amor no mundo sejam ruins”: O casamento homoafetivo na Igreja Sueca. *XVI ENPOS - Encontro de Pós-Graduação*, Pelotas, 2014.

_____. *Uma perspectiva etnográfica da discussão sobre a homossexualidade no contexto da IECLB*. [Dissertação de Mestrado]. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da Viagem*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

MELLO, Luiz. Outras famílias: A construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, Unicamp, vol. 24, p. 197-225, 2005.

MUSSKOPF, André S. *Talar Rosa - Um estudo didático-histórico-sistemático sobre a Ordenação ao Ministério Eclesiástico e o exercício do Ministério Ordenado por Homossexuais*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, 2004.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 8, no. 2, p. 9-42, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Sobre o pensamento antropológico*. 3 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 20, no. 2. Porto Alegre, p. 71-99, 1995.